

O PAÍS

Os caciques do diamante

Índios cobram pedágio de garimpeiros em reserva e acumulam fortuna e carros de luxo

Fotos de Ailton de Freitas

Jailton de Carvalho

Enviado especial • CACOAL, RONDÔNIA

O garimpo ilegal dentro da reserva Roosevelt, dos índios cinta-larga, em Rondônia, transformou 11 dos mais influentes caciques da tribo em barões do diamante, com vastos poderes sobre uma legião de mais de três mil garimpeiros e com uma fortuna em pedras que, pelos cálculos dos especialistas, pode ser superior a US\$ 2 bilhões.

Com o dinheiro amealhado na cobrança de pedágio de empresários e garimpeiros interessados em explorar a maior jazida de diamante do país, os caciques estão se esbaldando numa vida de luxo e privilégios bem acima do padrão dos demais índios e de boa parte dos brasileiros.

Enriquecidos da noite para o dia, os caciques costumam desfilar pelas ruas de Cacoal e Pimenta Bueno, entre outras cidades mais próximas às aldeias, numa frota de caminhonetes importadas, de marcas como Mitsubishi, Hillux e Toyota, algumas delas com cabine dupla, turbinadas e equipadas com aparelhos de ar-condicionado. Quase todas são dirigidas por motoristas não-índios, pagos para trabalhar em tempo integral.

A casta de caciques tem a seu dispor ainda telefones celulares via satélite, e confortáveis casas nos melhores endereços da região. Pelo menos uma dessas casas tem sistema eletrônico de segurança e circuito interno de TV.

Na tarde de quarta-feira, repórteres do GLOBO estiveram na aldeia Tenente Marques, chefiada pelo cacique João Bravo. Em pé, tendo ao fundo uma Mitsubishi vermelha de 2002, uma de suas seis caminhonetes, Bravo confirmou que está cobrando pedágio para permitir que os garimpeiros explorem diamante dentro da reserva. Ele disse, no entanto, que a dimensão de sua fortuna é apenas uma lenda.

— Os garimpeiros pagam para entrar na reserva. Mas não tenho tanto dinheiro assim como estão dizendo por aí. Se tivesse, já teria comprado um avião — disse.

O dinheiro é tanto que caciques têm segurança

• Quando vão às compras ou a bons restaurantes, alguns caciques e suas mulheres não dispensam a companhia de seguranças. Segundo o delegado Márcio Valério de Souza, da Polícia Federal, esses cuidados especiais não são mero capricho dos novos ricos do garimpo.

Os caciques sabem que despertam inveja numa região coalhada de forasteiros e, por isso, vivem com medo de assaltos e seqüestros. Para a PF, os índios estariam também preocupados com suas gordas contas bancárias, algumas com movimentações de R\$ 300 mil por mês.

Pelo menos quatro dessas contas estão em nome de testas-de-ferro não-índios, conforme levantamento preliminar do serviço de inteligência da PF.

— Os caciques têm carros e casas que eu, com 25 anos de PF, nem sonho ter. Enquanto isso, os índios comuns estão na miséria de sempre. O garimpo só gera riqueza para uma minoria. No futuro, com a devastação do meio ambiente e da cultura, a bagaceira será de todos — disse o delegado, que desde outubro comanda uma infrutífera operação de esvaziamento do garimpo na reserva dos cinta-larga.

A casta dos barões do diamante é formada, segundo a PF, além de Bravo, pelos caciques Amaral, Jacinto, Canário, Ita Matina, Nacoça Piu, Alzak Tataré e Joaquim, entre outros. Há duas semanas, sete deles tiveram a prisão preventiva decretada por exploração ilegal do garimpo.

Quatro foram presos, mas só por uma semana

• Quatro passaram uma semana presos em Porto Velho. Dois se refugiaram nas aldeias e um, César Cinta-Larga, foi asfixiado e morto no fim de fevereiro, poucos dias antes da emissão das ordens de prisão assinadas pelo juiz Selmar Saraiva, da 3ª Vara Federal.

Mais articulado do que João Bravo tentou justificar o luxo alegando que parte do dinheiro foi empregado em benfeitorias, como a construção de 15 casas de madeira, a abertura de um poço artesiano e a compra de uma caixa d'água, um gerador de energia, quatro postes de cimento, uma antena parabólica e um tanque com capacidade para aproximadamente dez mil litros de gasolina.

Embora seja um pequeno investimento, se comparado com o luxo pessoal exibido pelos caciques, Amaral não vê problema nos privilégios dos chefes das tribos.

Na manhã de quinta-feira, O GLOBO procurou o cacique Nacoça Piu, na Rua Blumenau



RESUMIDORAS, MANGUEIRAS, tratores e caminhonetes apreendidos na área de garimpo da reserva Roosevelt, dos cinta-largas, em Rondônia



OS CACIQUES João Bravo (sem camisa) e Amaral (curvado) conversam com policiais federais

'A BAGACEIRA SERÁ DE TODOS'

"Os caciques têm carros e casas que eu, com 25 anos de trabalho na Polícia Federal, nem sonho ter. Enquanto isso, os índios comuns estão na miséria de sempre. O garimpo só gera riqueza para uma minoria. No futuro, com a devastação do meio ambiente e da cultura, a bagaceira será de todos"

MÁRCIO VALÉRIO DE SOUZA • DELEGADO

"Os garimpeiros pagam para entrar na reserva. Mas não tenho tanto dinheiro assim como estão dizendo por aí. Se tivesse, já teria comprado um avião para mim"

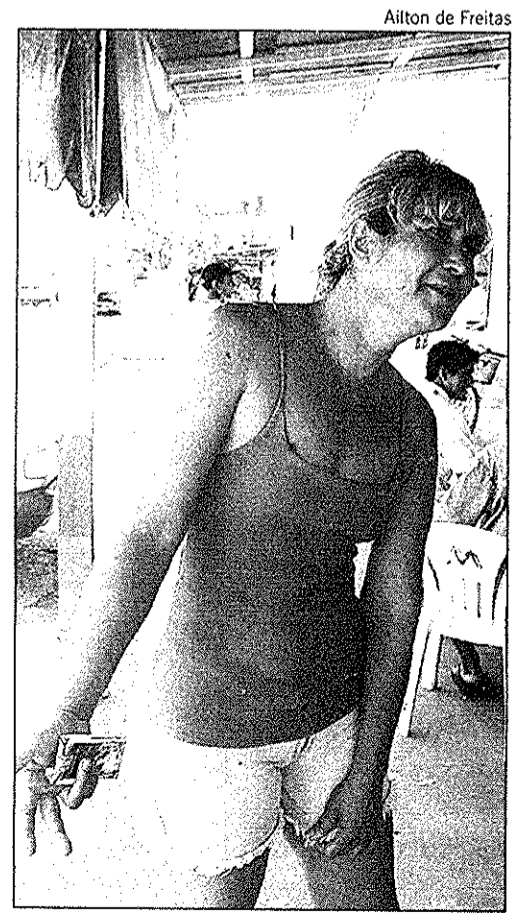
JOÃO BRAVO • CACIQUE

"Parte do dinheiro foi empregado em benfeitorias"

AMARAL • CACIQUE

Dinheiro chega fácil, mas some na mesma velocidade

Segundo especialistas, a mina pode valer uma fortuna superior a US\$ 2 bilhões



LUCI: "A gente ganha muito, mas perde também"

• CACOAL, Rondônia. O dinheiro está brotando no cascalho dos riachos da reserva Roosevelt, dos índios cinta-larga, a mais rica mina de diamante do país no momento. O baiano Fredson Gomes Coelho, de 20 anos, é um dos garimpeiros que experimentaram a sensação de ver pedras sendo convertidas quase que instantaneamente em reais.

Ao garimpar 101 quilates de diamante com a ajuda de sete companheiros, Fredson conseguiu, só em janeiro, R\$ 3.500. Isso pouco dias depois de ele chegar de Irecê, no interior da Bahia, onde nasceu.

Numa tacada só também, no início do ano, a cozinheira Luci Pires de Oliveira, de 38 anos, faturou R\$ 5 mil. O dinheiro corresponde a uma parte dos 6% da produção de seu grupo, que prestava serviços ao dono de uma das máquinas de extração de diamante no garimpo de Laje, um dos mais férvidos da reserva.

A Vale das Estrelas Mineradora fez uma avaliação do potencial da reserva de diamante de Roosevelt a pedido da Pamaré, uma das duas associações dos índios cinta-larga. Pelos cálculos da empresa, com seis peneiras elétricas operando cinco dias por semana os índios poderiam faturar R\$ 1,8 milhão por mês. Cada máquina teria capacidade de recolher 30 quilates por dia do diamante que, pelo grau de pureza, poderia ser vendido a R\$ 420 o quilate.

A partir dessas informações, a Funai chegou à conclusão de que a reserva pode abrigar uma fortuna superior a US\$ 2 bilhões. Dentro da reserva estavam operando mais de 400 máquinas e a previsão de especialistas do Ministério das Minas e Energia, consultados informalmente por técnicos da Funai, é que a reserva é suficiente para uma década de garimpo. O governo brasileiro, porém, ainda não tem um estudo definitivo sobre o tesouro escondido nas matas dos cinta-larga.

Mas o dinheiro de Fredson e de Luci está desaparecendo com a mesma rapidez com que surgiu. Desde que a Polícia Federal intensificou a repressão ao garimpo, eles estão desempregados e torrando seus poucos recursos em pensões de Cacoal.

— A gente ganha muito, mas perde também. Estou parada desde janeiro — conta Luci.

As quantias em circulação são tão atraentes que nem os fiscais da Funai e do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama) resistiram à tentação. Desde fevereiro, 13 fiscais estão respondendo a inquérito administrativo e criminal por suposto envolvimento com o garimpo dentro da área indígena. Eles, que eram pagos para fiscalizar a reserva, teriam aderido ao sonho dos garimpeiros de, num dia qualquer, amanhecerem ricos. (J.C.)

1.452, no Inera, um dos bairros mais valorizados de Cacoal. O cacique comprou o casarão no início do ano, mandou reforçar o muro e instalou um sistema de segurança equipado com um circuito de TV interno. Quando chega ao portão, o visitante é automaticamente filmado. Não houve resposta aos repetidos toques de campanha.

— Os novos moradores desta casa chegam e saem num Santana ou em caminhonetes, mas nunca falam com a gente. Eles são muito fechados — disse uma das vizinhas.

Segundo levantamento da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da PF, há três anos 12 caciques (um deles já morto) lotearam o garimpo da reserva Roosevelt. Cada um tem o domínio sobre a exploração do diamante na área mais próxima à aldeia que comanda.

Os caciques cobram R\$ 20 mil por cada máquina de extração e mais um percentual de 20% a 50% da produção. O controle de cada máquina, que pode extrair até 30 quilates por dia, é feito por um índio designado fiscal. Mas a polícia desconfia que, mesmo com a

alta rentabilidade do negócio, os índios ainda têm enormes prejuízos. Os garimpeiros conseguem esconder boa parte da produção ou, em determinadas situações, subavaliam o material. No fim do ano passado, um dos caciques foi flagrado trocando 90 pedras de diamante por uma caminhonete importada Hillux. O carregamento era suficiente para comprar dez caminhonetes iguais. ■

• PF RETIROU 2.500 MAS 1.200 VOLTARAM EM MENOS DE UM MÊS na página 4